

## PARA QUE SERVE A CRÍTICA

Ir. ELVO CLEMENTE

Numa entrevista do Jornal "LA NACIÓN", de Buenos Aires, em 25 de fevereiro de 1973, fez-se a pergunta em epígrafe, a AN-TÔNIO PAGÉS LARRAYA e a ENRIQUE PEZZONI. Ambos tiveram posições distintas e pontos de vista bem determinados.

O crítico argentino Pagés Larraya diverge de uma opinião de PABLO NERUDA sobre a função da crítica. — O poeta chileno disse certa vez que se escreve tanto sobre o que se tem escrito, que se vai o tempo em ler o que se tem escrito e não as obras em si.

NERUDA, de fato, é contundente e mesmo exagerado em seu critério. A obra, para o crítico, é um objeto de análise, que suscita uma segunda linguagem. A função do crítico é clara — é um leitor para os outros, um explicador, um avaliador da obra literária. Para ENRIQUE PEZZONI, a crítica tem a função de inventar a literatura, mostrar que a Literatura é um sistema.

Para colaborar com estas posições, tomo d' O ESTAAO DE SÃO PAULO, de 21 de julho de 1974, em que o Mestre WILSON MARTINS apresenta "AS DUAS CRÍTICAS", no Suplemento Literário. Outros querem ver três críticas, como por exemplo, ENRIQUE ANDERSON IMBERT — a crítica do simples leitor (impressionista), a crítica do jornalista (mais erudita em linguagem periodística), e a crítica do professor (acadêmica).

WILSON MARTINS apresenta duas: a primeira, impressionista, que apresenta nos jornais e revistas os livros novos, que, por assim dizer, prepara o material para os leitores e para os críticos. A segunda é o ensaio crítico; é o estudo de raízes eruditas; está preocupada em compreender. O ensaio crítico reivindica para si, de ser a única crítica digna desse nome.

O ensaio crítico trabalha a matéria digna de ser trabalhada,

seja qual for a sua obediência metodológica. O seu objetivo é compreender, é penetrar o âmago das grandes obras e dos grandes autores.

JORGE DE SENA, em seu livro — *Dialécticas da Literatura* (Edição 70 — 1973 — Lisboa, fala claramente sobre os métodos da crítica: “As metodologias científicas ou estéticas, não defendem, só por si, ninguém do impressionismo. Nenhum crítico se tornou grande ou importante, por seguir qualquer determinado método de análise literária.

Continuamos com JORGE DE SENA: “Pode-se mesmo pensar que, apossando-se das metodologias em moda (escolhidas num mercado, aliás, amplo) pela novidade da proposta ou pela atração do vocabulário), a legião de açodados imitadores provocou, por inevitáveis deficiências intelectuais, uma desmonetização catastrófica nas expectativas de que haviam partido. Já se nota em todos os Países a reação contra as ingênuas teologias em que muitos neófitos transformaram a crítica”.

WILSON MARTINS acrescenta: “As polarizações inconciliáveis são tanto menos científicas, quanto as duas críticas antes se completam e complementam, do que se opõem e antagonizam”.

FIDELINO DE FIGUEIREDO, que foi nas Literaturas de Língua Portuguesa, um precursor da “crítica literária como ciência”, formulou o que ainda hoje me parece o irrecusável axioma de base: o impressionismo encontra-se, inevitavelmente, em dois momentos da análise crítica — no ponto de partida e no ponto de chegada; é apenas no espaço intermediário que os métodos científicos podem exercer-se com legitimidade e proveito”.

Os recursos estatísticos e matemáticos podem ajudar a clarear a visão da repetência na indexação do vocabulário podem facilitar os dados. A interpretação, porém, pertence ao crítico com a sua filosofia de vida, com a sua mundividência, com a sua intuição. O trabalhador da Literatura analista, crítico, historiador, deve abrir o leque de sua visão, deve eliminar viseiras, deve ter horizontes amplos, diante de si.

Não podemos perpetuar discussões maniqueístas, tomando a defesa, ora de um, ora de outro método, a exaltação de uma ou de outra teoria literária. WILSON MARTINS insiste no aspecto, com uma frase deveras enérgica e contundente: “O único pecado realmente mortal em crítica é o monismo metodológico”.

O trabalho de crítica literária exige, para cada circunstância, um método peculiar que melhor atinge a realidade estética.

Nessa modalidade haverá um método prioritário; os demais, serão coadjuvantes, subsidiários. Por exemplo, se a obra reclamar com mais força, o método estilístico, este terá a prioridade, ao passo que, os outros — o temático, o ontológico, o impressionista, o estruturalista, o formalista — colaborarão para a melhor compreensão.

Não postulamos o ecletismo como solução; estamos, sim, pela prioridade de um, sobre os demais.

Nunca, porém, o monismo metodológico, que procura abrir trincheiras e combater quaisquer outras posições para defender as suas fraquezas.

Dessa maneira, se contemplar-mos o campo imenso da crítica, vemos as mais diversas posições e, muitas vezes, os maiores desentendimentos, quando não, a imensa Babel. A Babel começa na linguagem estereotipada pelas novas correntes analistas literárias, que tornam quase inalcançáveis as ameias de suas fortalezas. A função do crítico é de explicar, elucidar, propiciar a compreensão.

Em suas metodologias, deve ser claro, preciso, ao mesmo tempo, exato, sem exageros. Deve usar uma língua lítero-científica, sem enclausurar-se nos vocábulos erçados e quase intocáveis.

Não postulamos uma crítica periodística, banal, trivial ou popular. Queremos uma crítica que desça da cátedra, da torre de marfim, para os estudiosos, sedentos de cultura, ávidos de sentir e perceber as belezas da arte, as maravilhas que se encontram nas expressões que traduzem as multiformes faces do ser humano, imagem do próprio Deus.

A respeito ainda de Metodologia e de diferenciação das capas de atividade, temos uma palavra clara e válida de TODOROV: “Uma coisa é o trabalho da descrição da significação na Literatura, e outra, é o trabalho interpretativo, que é tarefa da crítica, o que já não entra em minha atividade estruturalística”.

O citado JORGE DE SENA, em “ENSAIO DE UMA TIPOLOGIA LITERÁRIA”, apresenta uma modalidade de abordagem da obra literária, colocando vinte e dois planos fundamentais de análise estética, anotando conjuntamente os respectivos pares antistéticos de atitudes para eles definidos:

- 1 — Situação ético-estética .. (academicista-modernista);
- 2 — Situação ético-política .. (reacionária-progressista);
- 3 — Emoção ..... (clássica-romântica);
- 4 — Correlação criadora ..... (subjéctiva-objetiva);
- 5 — Expressão ..... (Clássica-barroca);
- 6 — Plano psico-epistemológico (Intellectualista-sensualista);
- 7 — Plano erótico ..... (algidez-sensualidade);
- 8 — Imaginação ..... (realista-onirista);
- 9 — Representação funcional . (simbolista-naturalista);
- 10 — Fantasia ..... (abstracionante-concretizante);
- 11 — Intelecção ..... (metafórica-discursiva);
- 12 — Eloquência ..... (elíptica-redundante);
- 13 — Correlação descritiva .... (impressionista-fenomenológica);
- 14 — Vivência ..... (transcendente-imanente);
- 15 — Vidência ..... (egovidente-cosmovidente);
- 16 — Plano lógico ..... (mecanicista-vitalista);

- 17 — Sageza ..... (aquisitiva de salvação);
- 18 — Correlação mítica ..... (mitogênica-céptica);
- 19 — Sensibilidade ..... (totalizante-diferencial);
- 20 — Vontade criadora ..... (consciente-ocasional);
- 21 — Visão ..... (primária-complexa);
- 22 — Tonalidade ..... (apaixonada-contida).

JORGE DE SENA apresenta em seu livro acima citado, o estudo aplicado dos vinte e dois planos, no Soneto de Camões: "ERROS MEUS, MÁ FORTUNA, AMOR ARDENTE". Valeria a pena acompanhar o crítico estudioso, no seu ensaio de provar a funcionalidade de sua maneira de analisar e de criticar literariamente o texto.

Há muitas maneiras de estudar, de analisar e de criticar. É preciso, porém, ler e estudar as obras, penetrar nelas, ir ao fundo com os meios ao nosso alcance, ao alcance de nossa inteligência e de nossa sensibilidade estética.

Somos os estudiosos das Letras, os operários da Literatura, os estetas da Língua; temos obrigação de levar aos outros, os conhecimentos que temos de Lingüística, de Teoria e de Crítica Literária.

Não fiquemos a nos deleitar egoisticamente com a satisfação pessoal da leitura de um livro, da revelação de uma obra. Saibamos abrir novos caminhos para os outros, nos diferentes graus de ensino e da cultura. Investiguemos novos métodos da comunicação lingüística, entre os alunos do ensino (funcional) fundamental ou dos alunos do 2.º Grau. Abramos-lhes as maravilhas da arte literária, desde os primeiros bancos escolares e lhes apresentemos o paraíso da arte, o oásis de beleza que lhes amoldarão o espírito e o coração para humanizarem a Humanidade dessacralizada e tecnocratizada.

Todo este trabalho é possível, utilizando os bons métodos do ensino da língua vernácula, através dos autores da Língua Portuguesa.

Mais aumentam os milagres da Tecnologia, mais embasbacam a Humanidade, mais devemos nos preocupar com a formação artística das gerações, pelo ensino da Língua e da Literatura. É através da Língua que a cultura se transmite, de uma geração a outra. Se não aceitamos o desafio de nossos dias, teremos apenas "um abismo a clamar por outro abismo".

Para que serve a crítica literária?

É fundamentalmente para isso, para escolher os verdadeiros textos de trabalho, para selecionar os verdadeiros Métodos, para firmar posições no meio de tantas teorias novidadeiras, que pouco ou nada de válido deixaram ou deixarão à Humanidade.

A crítica literária é a maneira amiga e fraterna de explicar os textos aos pequeninos; é a maneira erudita de apresentar os mistérios da arte aos estudiosos e aos eruditos da Literatura.

A crítica na escola do ensino fundamental ou supletivo ao ensino universitário; a crítica nos programas de rádio e televisão, a crítica na imprensa e nos periódicos.

**A CRÍTICA LITERÁRIA SEMPRE VIVA**  
a espalhar a VIDA DA ARTE E DO  
SENTIDO DAS LETRAS HUMANAS.